

O PORTO E A CIDADE: INTERCÂMBIOS MUSICAIS NA CIDADE DA HORTA NO FINAL DO SÉCULO XIX

A Horta transformou-se ao longo do século XIX num importante porto de passagem nas rotas marítimas transatlânticas. A vila é descrita no início de oitocentos como uma pequena povoação que se desenvolvia ao longo de uma só rua, paralela à baía, assim como aquela que oferecia ao visitante a perspectiva mais aprazível e o panorama mais pitoresco (Dias, 1998: 286). Nessa vila estavam localizados vários conventos, pouco comércio e praticamente nenhuma indústria. Porém, o facto de a baía ser local abrigado para os navios em trânsito pelo Atlântico contribuiu para que a vila se desenvolvesse em torno do abastecimento de víveres e refresco dos navios.

A centúria de oitocentos, nomeadamente o período imediato à implantação das ideias liberais em território português, foi determinante para esta vila, que foi elevada a cidade por essa altura. A vinda da família Dabney para a Horta, nomeadamente Charles William Dabney que sucedeu ao pai, John Bass Dabney como cônsul-geral dos Estados Unidos da América no Faial. As famílias Dabney e Bensaúde tiveram um papel importante no desenvolvimento da economia faialense ao longo do século XIX, através do comércio e exportação da laranja e do vinho verde do Pico, assim como a sua actividade no porto comercial da cidade através do reabastecimento de víveres aos barcos baleeiros americanos e do reabastecimento de carvão aos navios a vapor (Dias, 1998: 295).

O ano de 1833 foi decisivo para o desenvolvimento da Horta e, em geral, da ilha do Faial. A 4 de Julho de 1833 a vila foi elevada à categoria de cidade, assim como também a capital de distrito, seguindo a iniciativa de António José de Ávila. Este chegou à Horta a 27 de Agosto de 1834 com o decreto de D. Pedro que elevava a vila a cidade (Macedo, 1981, II: 130-131). A chegada do decreto foi celebrada a 31 de Agosto e 1 de Setembro, reunindo a câmara, autoridades e funcionários, assim como as principais individualidades da ilha, nos Paços do Concelho, onde se proferiram vários discursos comemorativos, lendo-se em voz alta o decreto. Seguiram-se três descargas de fuzilaria e uma salva do castelo de Santa Cruz, que foi repetida por três dias, havendo iluminação à noite assim como vários tipos de celebrações populares nas ruas. A 1 de Setembro, celebrou-se na igreja Matriz de São Salvador uma missa solene, seguida de Te Deum, seguindo-se descargas de fuzilaria e uma salva do castelo de Santa Cruz. O cortejo seguiu até à igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde o decreto foi novamente

lido em voz alta, atravessando a cidade até ao portão de Porto Pim, onde se leu novamente. A elevação da vila da Horta a cidade permitiu uma maior autonomia governativa, reforçada com a elevação dos Açores a província (e o seu afastamento do domínio político de Angra), reanimando algumas aspirações, encontrando-se entre estas a construção de um porto artificial na baía como um dos pontos centrais nas reivindicações dos políticos locais (Macedo, 1981, II: 164).

A obra mais significativa na cidade da Horta em meados do século XIX foi o arranque da construção da doca artificial, que se prolongou até ao final do século. A reivindicação de um porto artificial para a baía da Horta começa a ganhar forma na segunda década do século XIX, mais concretamente, de 1821, ano em que a junta governativa da comarca solicitou a sua construção ao governo central. O mesmo pedido foi repetido no ano de 1833 (Macedo, 1981, II: 311). A 15 de Julho de 1838 foi instalada a Junta Geral do Distrito da Horta com grande cerimónia. Nessa ocasião o administrador geral, António Joaquim Nunes de Vasconcelos, no relatório que leu na cerimónia comemorativa acentuava a necessidade de reparar o cais existente e a colocação de um guindaste, assim como a reparação das muralhas da cidade. Mais adiante, entre as dezassete medidas consideradas prioritárias para intervenção da Junta, encontrava-se a construção de uma doca na baía da Horta (Macedo, 1981, II: 159). No Verão de 1839 chegou à cidade da Horta o capitão de engenheiros Caetano Alberto Maia, como director das obras de reparação das muralhas da cidade. Ficou também incumbido de realizar a planta e observações necessárias na baía da cidade, bem como um orçamento, para a construção da respectiva doca (Macedo, 1981, II: 161). Em Janeiro de 1842 chegou à Horta o navio de guerra inglês Styx com a missão de realizar um levantamento de possíveis locais para a construção de uma doca no arquipélago para a companhia West Indies, fundeando na baía da Horta. Durante o tempo que permaneceu no Faial, foi explorada esta baía, bem como a de Porto Pim, e ainda as várias pedreiras da ilha (Macedo, 1981, II: 172).

Por volta da década de sessenta, surgem vários artigos na imprensa local reforçando a necessidade do porto artificial, tirando partido da vantajosa posição geográfica, como melhoramento das condições da agricultura, do comércio e da indústria local. Constituiu-se, em termos políticos, como uma prioridade e única esperança de renovação económica da ilha, uma vez que proporcionaria a regularidade das ligações marítimas entre o continente europeu e americano, dinamizando ao mesmo tempo o tráfego marítimo local e distrital (Lobão, 2013: 118-119). Em Janeiro de 1867 foi enviado à Horta o coronel de engenheiros Tibério Augusto Blanc para

continuar os estudos para a construção da doca o que sugere grande atraso nestes trabalhos, por não ter sido encontrada notícia seguinte aos estudos realizados em 1839. Em Abril desse ano é noticiada a passagem de vários navios de guerra pela baía da Horta, entre os quais duas “naus francezas a vapor”, que transportavam tropas francesas do México (Macedo, 1981, II: 329-330).

Após várias obras de pequena dimensão para reparo da infraestrutura já existente e, por decreto de 20 de Junho de 1864, foi finalmente autorizada a construção da doca, através de um empréstimo de 260.000\$000 réis, criando também impostos sobre a importação e exportação de vários produtos (Macedo, 1981, II: 649-650). Na reunião do final de 1870 da Junta Geral do Distrito foi apresentada nova reivindicação sobre o atraso nas obras de construção da doca (Macedo, 1981, II: 365). Porém, o arranque da obra apenas teve início a 20 de Março de 1876. Esta infraestrutura permitiu que outro tipo de navios pudesse demandar a baía da Horta, assim como outro tipo de permanência na cidade. Enquanto cidade primordialmente de características portuárias, grande parte da influência nas dinâmicas sociais e culturais da Horta tinha proveniência no seu porto e nos navios que o demandavam. É no contexto deste tipo de interações socioculturais que se insere o presente estudo, que incide sobre as relações musicais entre a cidade e os navios das marinhas de guerra estrangeiras surtos no seu porto. Na imprensa local encontram-se inúmeras referências à passagem de navios pelo porto artificial da cidade da Horta, nomeadamente esquadras das marinhas de guerra das potências mundiais da época, entre as quais se contam a Inglaterra, Alemanha, França, Rússia e Estados Unidos da América entre outros países. Aqui, os navios de guerra aparecem como objecto de estudo principal, não só por possuírem bandas de música embarcadas, mas também pelo seu carácter mais cívico na interação com a cidade quando comparados, por exemplo, com navios de passageiros.

Encontram-se referências à passagem de navios de guerra pela Horta desde pelo menos a década de trinta do século XIX, sobretudo no período das lutas liberais. Porém, é a partir da segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento da propulsão a vapor aplicada à navegação, que, associada ao arranque da construção do porto artificial irá trazer à cidade da Horta um tráfego marítimo com maior sociabilidade. Com maior ênfase a partir da década de setenta, a chegada de navios das grandes potências marítimas à Horta será noticiada com algum entusiasmo pela imprensa local. Grande parte deste entusiasmo estaria certamente relacionado com a presença na cidade dos consulados destes países ocupados por figuras proeminentes da sociedade faialense. Por decreto de 23 de Dezembro de 1868 foi

nomeado cônsul da Rússia nos Açores o Príncipe Constantino Mestocherky, sucedendo ao sogro, o senador José Curry da Câmara Cabral, que havia falecido (Macedo, 1981, II: 345). No caso da Itália, era cônsul no Faial, António Luís Sena. Alfredo Dart era cônsul inglês na ilha e Francisco Pereira Ribeiro Jr. cônsul alemão. A presença e envolvimento destas figuras locais irá proporcionar uma série de eventos socioculturais entre a sociedade local e as micro-sociedades que compunham a guarnição dos navios estrangeiros que passam pelo porto da Horta.

Logo a 15 de Março de 1870 é noticiada a entrada na baía da Horta de uma esquadra inglesa vinda de Lisboa composta de cinco “vapores couraçados, sendo 3 de 5 mastros e duas fragatas de 3” (Macedo, 1981, II: 356-357). Sem mais referências quanto a quais seriam os navios, a presença da esquadra inglesa na Horta será uma constante até ao final do século, com importantes interações sociais com a comunidade local.

No início de Julho desse ano fundeou na baía da Horta a fragata prussiana Arcona, um navio que servia para treino de mar, havendo troca de salvas entre o navio e o castelo de Santa Cruz à sua entrada na baía da cidade. Dias depois da sua chegada, a tripulação veio a terra para treino no manejo de armas de fogo, tendo também a mesma tripulação realizado algumas reparações no navio, guarnecendo-o com uma blindagem de ferro. Na sua chegada à Horta do navio português Lusitania foi dada a notícia do início de hostilidades entre a Prússia e a França. A fragata prussiana permaneceu fundeada na baía durante este conflito, após várias tentativas frustradas de saída da baía, uma vez que vários navios franceses encontravam-se em bloqueio ao largo do Faial, entre os quais encontrava-se a fragata a vapor Montcalm, que várias vezes fundeou na baía da cidade (Macedo, II, 360). Os oficiais desta fragata prussiana participaram nas celebrações dos aniversários natalícios dos reis de Portugal, a 16 e 31 de Outubro respectivamente, embandeirando o navio e vindo a terra assistir ao Te Deum que se realizou na igreja matriz de São Salvador (Macedo, II, 365). Esta situação de conflito entre a Prússia e a França criou, naturalmente, tensões na Horta que, porém, terão sido amenizadas pela participação em eventos sociais – neste caso, religiosos – como foi a participação no Te Deum celebrado na Matriz. Esta era uma cerimónia litúrgica com uma forte componente social e, até mesmo política, um momento em que a sociedade juntava-se para celebrar determinado acontecimento. No caso em questão, tratava-se dos aniversários dos reis portugueses, uma das celebrações mais importantes durante o ano e aquela que maior peso político teria.

Várias esquadras inglesas passaram pelo porto da Horta na década de oitenta. A 25 de Abril de 1880 fundearam na baía as fragatas couraçadas

Minotaur, Agincourt, Achilles e Northumberland, às quais se juntou dias mais tarde a corveta Salamis, que procurava a fragata Atlanta. A próxima passagem de um grupo significativo de navios de guerra ingleses pela Horta ocorreu a 24 de Abril de 1887, com a chegada das corvetas couraçadas Volage, Calypso, Rover e Active, provenientes das Bermudas com 16 dias de viagem. Possuíam 12 e 16 peças, com tripulações entre 296 e 360 marinheiros em instrução de mar. [Fig. 1] A corveta Active salvou a terra ou entrar no porto, à qual correspondeu o forte de Santa Cruz. Estiveram na Horta apenas até ao dia seguinte, altura em que saíram do porto com destino a Inglaterra (O Faialense, 40 (30), 01-05-1887).

Alguns destes navios regressaram à Horta a 11 de Fevereiro de 1895, mais concretamente, as corvetas Active, Volage, Calypso e Ruby, provenientes das Bermudas com 9 dias de viagem (O Telégrafo, 425 (3), 12-02-1895, 426 (3), 13-02-1895). Contrariamente a 1887, permanecendo na baía apenas um dia, nesta passagem da esquadra inglesa os navios demoraram-se na baía da Horta oito dias, vindo a terra as tripulações, o que constituiu um importante momento de sociabilidade na cidade uma vez que se tratava de cerca de mil indivíduos. Enquanto a oficialidade sociabilizou com as elites da cidade, os marinheiros acenderam vários distúrbios nas tabernas da cidade, devidamente noticiados na imprensa local. Quando, na tarde de 13 de Fevereiro a corveta Active amarrou na doca, este acto foi acompanhado pela filarmónica Artista Faialense que tocou durante algum tempo no cais, sendo lançados também muitos foguetes nessa ocasião. Terminada a actuação no cais, a filarmónica cumprimentou também as casas comerciais Bensaúde e Silveira Eduardo (O Telégrafo, 426 (3), 13-02-1895). Os oficiais desta esquadra participaram numa soirée oferecida por Alfredo Dart, cônsul inglês na cidade da Horta, na Sociedade Amor da Pátria, à época o centro de sociabilidade das elites faialenses no final de oitocentos (O Telégrafo, (3), 18-02-1895).



Fig. 1

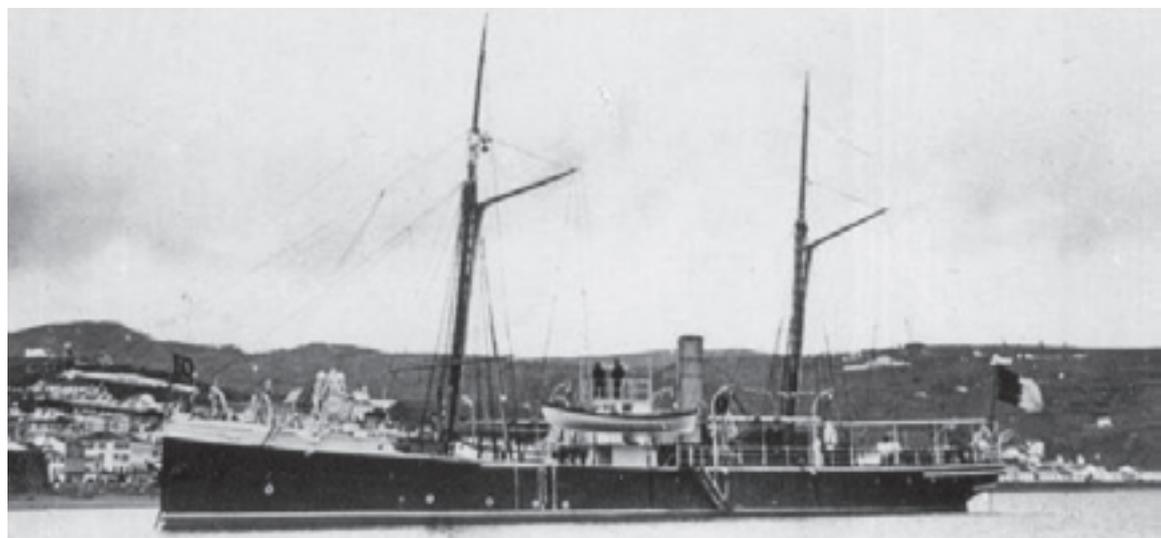
Corveta couraçada
HMS Calypso (fonte:
Wikipedia)

Apesar de não ter sido noticiado, nesta reunião social, terá certamente tocado a orquestra João de Deus, como era habitual em eventos sociais deste tipo. Este agrupamento foi fundado no final da década de oitenta pelo músico João de Deus Teixeira, uma figura importante no meio musical faialense do final do século XIX. A orquestra João de Deus era muito requisitada na última década de oitocentos para acompanhar cerimónias litúrgicas realizadas na igreja matriz de São Salvador e outras igrejas da cidade, assim como as festas do Bom Jesus em São Mateus do Pico (Henriques, 2011: 82). Para além da actividade em contexto sacro, a orquestra também acompanhava as récitas das companhias de zarzuela que passavam no teatro da cidade, participando também nos eventos sociais privados: as soirées e bailes nas casas dos grandes proprietários e classes mais altas da Horta. O repertório interpretado nestes eventos seria fundamentalmente composto por música de dança (sobretudo valsas, polkas, mazurkas, quadrilhas, entre outros géneros), como consta nos programas de outros eventos deste tipo, e seriam estes géneros que a oficialidade das corvetas inglesas terá ouvido e dançado no salão da Sociedade Amor da Pátria com a sociedade local.

A década de noventa do século XIX foi muito rica em notícias na imprensa local sobre a passagem de navios de guerra pelo porto da Horta. Para além de navios estrangeiros, encontrava-se estacionada neste porto a canhoneira Açor da marinha de guerra portuguesa, que tinha como missão a fiscalização das águas açorianas. Este navio tinha sido construído como vapor em Inglaterra no ano de 1874. Foi adquirido pela Marinha Portuguesa em 1892, sendo transformado em canhoneira e enviado para fiscalização aduaneira no arquipélago dos Açores. Possuía uma guarnição composta por 3 oficiais, 10 sargentos e 40 praças (Revista da Armada, 457, 11-2001). [Fig. 2] Não muito tempo após o navio ter sido estacionado no porto da Horta enquanto base de operações gera-se contacto social com outros navios estrangeiros.

Fig. 2

Canhoneira Açor anco-
rada na baía da Horta
(fonte: Wikipedia)



É este o caso da corveta couraçada Diana da marinha de guerra dinamarquesa, que entrou no porto da Horta a 8 de Fevereiro de 1894, proveniente de Saint Thomas com 19 dias de viagem. À entrada no porto, o navio salvou a terra sendo correspondido pelo forte de Santa Cruz. O navio, composto por 85 tripulantes, permaneceu no porto da Horta durante quatro dias. Logo após a sua chegada foi anunciado por Manuel Noronha de Simas Garcia que a banda de bordo da corveta dinamarquesa iria tocar ao Jardim Público na tarde do dia 10 de Fevereiro (O Telégrafo, 129 (2), 09-02-1894). Este foi um dos primeiros eventos do género relatado pela imprensa faialense, que se viria a repetir nos anos seguintes. De notar que o Jardim Público, à época também conhecido como largo do relógio ou largo D. Luís I, situa-se onde hoje está a torre sineira com um relógio, junto ao local onde existiu a primitiva igreja matriz da cidade. Este espaço havia sido construído em meados de oitocentos, aproveitando a demolição da antiga matriz assim como do convento de S. João próximo, servindo, ao gosto da época, para espaço de sociabilização na cidade (Lima, 1940: 147). Aqui veio tocar a banda de bordo da corveta Diana no dia 10 de Fevereiro, não se conhecendo porém o conteúdo do programa musical interpretado nessa actuação, que foi do agrado geral. Na noite do dia 10, os oficiais da canhoneira Açor convidaram os congéneres dinamarqueses para um baile na Sociedade Amor da Pátria. O baile decorreu nas três salas desta sociedade até às seis e meia da manhã. Tal como se supôs anteriormente relativamente ao baile dado aos oficiais ingleses, tocou neste baile a orquestra João de Deus, assim como a banda de música dinamarquesa e, entre os brindes, esta tocou os hinos da Carta, dinamarquês e a Marselhesa. A corveta abandonou o porto da Horta no dia seguinte com destino ao país de origem, fazendo escala em Inglaterra. (O Telégrafo, 131 (2), 12-02-1894).

Não muito tempo após a passagem da corveta Diana pelo porto da Horta, entrou na baía desta cidade a 6 de Março a corveta da marinha de guerra alemã SMS Stein, também proveniente de Saint Thomas com 19 dias de viagem e uma tripulação de 443 elementos. Também este navio salvou a terra à entrada no porto, correspondendo-lhe o forte de Santa Cruz. Também este navio possuía uma banda de música embarcada, composta por 35 elementos. Estava programado que a banda viesse a terra tocar, muito possivelmente no Jardim Público, porém, a saída do navio no dia seguinte à sua chegada impediu que isso se realizasse, lamentando a imprensa local o acontecido (O Telégrafo, 149 (2), 07-03-1894).

Passou ainda pela Horta no mês Abril de 1894 o couraçado da marinha italiana Dagali, cujo comandante foi a terra visitar o cônsul italiano na ilha António Luís Sena e o governador civil, sem mais contactos com a cidade. No

início de Junho entrou no porto a corveta da marinha dos Estados Unidos da América Samaris, em instrução de marinheiros. No início de Julho também passou pela Horta a corveta Saratoga em idêntica missão. Em ambos os casos, os comandantes dos navios americanos visitaram o governador civil, saindo do porto no dia seguinte sem mais contactos com a cidade para além de permissão dos tripulantes virem a terra no dia da chegada.

O navio cuja passagem pela Horta encontra-se mais detalhadamente documentada foi o cruzador couraçado da marinha russa General Admiral. Este navio de 520 tripulantes entrou no porto da Horta a 1 de Abril de 1895, proveniente de Saint Thomas com 27 dias de viagem, salvando o forte de Santa Cruz. [Fig. 3] Este cruzador havia entrado ao serviço da Marinha Imperial Russa em 1875, inicialmente como corveta, passando a cruzador de primeira classe em 1892, servia em 1895 como navio-escola para treino de mar. No dia da sua chegada à Horta foi o vice-cônsul russo na ilha, Rodrigo Alves Guerra, a bordo cumprimentar o comandante Van Berg. No dia seguinte foi o comandante a terra cumprimentar o governador civil, conselheiro José de Almeida de Ávila, acompanhado pelo vice-cônsul Alves Guerra, seguindo para o Palacete de Santana, morada do vice-cônsul (O Telégrafo, 464 (3), 02-04-1895).

Fig. 3

Cruzador couraçado
General-Admiral (fonte: Wikipedia)



Na tarde de 4 de Abril foi a banda de música do cruzador russo tocar ao Jardim Público da cidade a pedido do vice-cônsul (O Telégrafo, 465 (3), 03-04-1895). A imprensa relata que a actuação havia sido bastante concorrida a actuação da banda de bordo do cruzador tendo agradado imenso ao público as treze obras musicais tocadas no concerto (O Telégrafo, 466 (3), 04-04-1895).



Fig. 4
Guarnição formada no convés do cruzador couraçado General-Admiral (fonte: Wikipédia)

No dia seguinte foi publicado um breve artigo sobre esta actuação no jornal O Telégrafo onde sumariamente são descritas as obras interpretadas, assim como uma crítica que, embora bastante superficial, transmite a reacção do público local ao repertório apresentado pelo agrupamento russo. Refere o artigo que o vice-cônsul russo, comendador Rodrigo Alves Guerra, havia imprimido o programa do concerto nas oficinas d'O Telégrafo tendo distribuído o mesmo aos ouvintes. Porém, o mesmo programa não foi transcrito neste periódico, sendo mencionadas algumas das obras, mais concretamente, aquelas que mais agradaram. A concorrência de espectadores e amadores ao Jardim Público foi bastante numerosa, tendo a actuação demorado cerca de duas horas. Do programa interpretado foram destacadas duas obras que agradaram particularmente ao público. Foram elas, de acordo com artigo, a terceira interpretada na primeira parte, *Recordação da Rússia* de Koch, e a segunda obra da segunda parte, um solo de flauta. Relativamente à primeira obra, tratava-se de uma canção popular russa, em arranjo para corneta (possivelmente corneta de chaves) solo e banda, tendo sido cantada por um coro de marinheiros. O título da segunda obra não aparece referido no texto, existindo apenas a menção de que se tratava de um solo para flauta (O Telégrafo, 467 (3), 05-04-1895). O cruzador General-Admiral saiu da baía da Horta a 6 de Abril com destino a Cherbourg, seguindo mais tarde para Kiel, a fim de participar na cerimónia de abertura do Canal de Kiel, que ocorreu a 20 de Junho desse ano.

O cruzador General-Admiral regressou no ano seguinte à cidade da Horta, em nova viagem de instrução de cadetes. Uma vez mais, o navio vinha de Saint Thomas com 27 dias de viagem com 547 tripulantes a bordo. O comandante Plaksin foi a terra no dia seguinte acompanhado pelo vice-cônsul Rodrigo Alves Guerra cumprimentar o governador civil, pretendendo demorar-se na

Horta seis a sete dias (O Telégrafo, 754 (4), 30-03-1896). Na manhã de 31 de Março foram a bordo do cruzador “muitas damas e cavalheiros da primeira sociedade” faialense, indo também a bordo o governador civil retribuir os cumprimentos da véspera. Foi ainda anunciado que no Sábado seguinte, se o navio ainda estivesse no porto, iria a banda de música tocar ao Jardim Público da cidade (O Telégrafo, 755 (4), 31-03-1896). Dias mais tarde surge a notícia, veiculada pelo vice-cônsul Alves Guerra que a banda iria tocar ao Jardim Público na Segunda-Feira seguinte. No Domingo foi oferecida por Rodrigo Alves Guerra uma soirée dançante no Palacete de Santana aos oficiais do cruzador russo, sendo enviados muitos convites à primeira sociedade da cidade (O Telégrafo, 757 (4), 04-04-1896). Esta soirée decorreu até às cinco horas da madrugada, tendo tocado a banda de música do navio russo, muito possivelmente os géneros musicais usuais para a dança, com um programa que incluiria certamente polkas, mazurkas e valsas. Uma vez que foi dada liberdade aos tripulantes do navio para virem a terra na Segunda-Feira, não foi realizado o concerto previsto para o Jardim Público. Este acontecimento foi amplamente criticado pela imprensa, referindo que a sociedade havia criado algumas expectativas quanto ao concerto, fundamentadas no sucesso que havia tido a actuação realizada pela banda no ano anterior, acrescentando que a liberdade dada à tripulação resultou em “soquinho menos mal” nas tabernas e ruas da cidade (O Telégrafo, 760 (4), 07-04-1896). O navio saiu do porto na manhã de Terça-Feira com destino a Cherbourg.

Em 1895, pouco tempo após a passagem do cruzador russo General-Admiral pela Horta, deu entrada no porto o cruzador da marinha de guerra francesa Duquesne. Este navio entrou na baía da Horta na manhã de 17 de Maio proveniente de Martinica. Na manhã do dia 17 foi o vice-cônsul francês ao navio sendo cumprimentado com uma salva. À tarde foi o comandante Terrant e o contra-almirante Fournier, acompanhados por Alves Guerra, cumprimentar o governador civil (O Telégrafo, 500 (3), 17-05-1895). [Fig. 5] No dia seguinte, ofereceu Alves Guerra ao jornal O Telégrafo o programa do concerto que a banda de música do cruzador francês iria realizar no Jardim Público na tarde de Domingo (O Telégrafo, 501 (3), 18-05-1895). Os seis números ordenados pelo regente da banda Sr. Deshayes (apenas é mencionado o seu último nome), publicados n’O Telégrafo, ilustram o repertório das bandas militares e civis do final do século XIX, trazendo inclusive esta banda francesa algum repertório pouco comum às bandas açorianas da época.



Fig. 5

Cruzador Duquesne
(fonte: Wikipedia)

Assim o programa ordenado para o concerto da tarde do dia 19 de Maio abriu com a canção (marcha) militar *Le soldat de Floréal* de Charles Lecocq (1832-1918) (originalmente com letra de Armand Silvestre), compositor francês conhecido sobretudo por escrever operetas; a abertura da ópera *Zampa* de Louis-Ferdinand Hérold (1791-1833); a *Fantasie Variée* para saxofone (de 1889), com acompanhamento de banda, de J. Léon Wettge (1844-1909), chefe de música do 28.º Regimento de Artilharia de Versailles e mais tarde chefe da Guarda Republica; o passo militar *Recuerdo*; *Grande Fantasie* da ópera *Sigurd*, de Ernst Reyer (1823-1909); e a valsa *La Gitana* de Ernest Bucalossi (1859-1933). Este repertório enquadrava-se nos tipos de programas que as bandas civis e militares do espaço francófono realizavam no final do século XIX.

Na tarde do dia 21 Maio a banda de música do Duquesne regressou novamente ao Jardim Público para efectuar mais um concerto. O segundo programa, também com seis obras, foi diferente daquele do dia 19, com o allegro *Caballero en Plaza* de Paul-Agricole Génin (1832-1903), a abertura da ópera cómica *Le Pré aux clercs* de Louis-Ferdinand Hérold (1791-1833); uma fantasia da ópera *L'Africaine* de Meyerbeer; *Aubade Printanière* Op. 37 (de 1884) de Paul Lacombe (1837-1927); *Mascarade (Airs de Ballet en Suite de Orchestre, de 1886)*, de Paul Lacôme (1838-1920); terminando com *España* (de 1883), de Emmanuel Chabrier (1841-1894). Numa análise geral aos seis números musicais interpretados pela banda no Jardim Público, percebe-se que se tratava de um programa bastante actual para a altura, com algumas obras escritas apenas dez anos antes. Desde compositores mais obscuros, como é o caso de Paul Lacôme, até outros que seriam certamente sobejamente conhecidos à época, como Meyerbeer ou Chabrier, este repertório reflecte a identidade musical francesa do final do século XIX e é testemunho do alto nível musical praticado pelas bandas francesas da época,

do qual *España* será o melhor testemunho. Ao público acorreu ao Jardim Público agradou sobretudo a fantasia de Meyerbeer, a *Mascarade de Lacôme* e a obra de Chabrier.

De referir ainda que a orquestra João de Deus tocou a abertura de *Le Pré aux clercs* nas récitas dadas no Teatro Faialense pela companhia teatral do actor Justino Marques no início de 1896. Algumas semanas mais tarde, esta obra era pedida com alguma insistência na imprensa para ser tocada nas próximas actuações da orquestra. No dia 7 de Fevereiro, abriu a récita no teatro com o Hino Nacional, ouvido de pé pelos espectadores, não podendo tocar a orquestra João de Deus a abertura por falta de timbales, que se esperavam para breve vindos de Lisboa (O Telégrafo, 714 (4), 07-02-1896). Não existe menção se de facto a abertura foi ou não tocada pela orquestra, mas será importante referir que a banda de música do Duquesne a havia tocado no Jardim Público cerca de seis meses antes. A insistência do público para que fosse tocada pela orquestra João de Deus poderá ter sido influenciada pela audição anterior da obra tocada pela banda de música francesa, não sendo de excluir a hipótese de que isto poderia ter sido possível, uma vez que não distavam muito ambas as actuações uma da outra. Todavia, a opereta de Hérold seria uma obra de conhecimento generalizado na época podendo a abertura ter chegado à Horta também a partir do Continente português. Contudo, não será de excluir a via francesa, uma vez que do programa interpretado pela banda, esta obra foi uma das que a crítica teceu os mais altos elogios.

As referências na imprensa local sobre as interacções musicais com a cidade através do seu porto durante os últimos anos do século XIX encerram com a chegada à Horta da corveta da marinha portuguesa Duque da Terceira. Este navio entrou na baía na tarde do dia 16 de Maio de 1896, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Augusto de Castilho, tendo salvado a terra ao que respondeu o forte de Santa Cruz com salva idêntica (O Telégrafo, 790 (4), 16-05-1896). Nesse dia foi anunciado um espectáculo no Teatro Faialense em honra do comandante Castilho e oficiais da corveta Duque da Terceira. Realizou-se, sim, um baile de homenagem a Augusto de Castilho na Sociedade Amor da Pátria no dia 19 de Maio. Neste baile tocou a orquestra João de Deus, tendo-se dançado até de madrugada (O Telégrafo, 793 (4), 19-05-1896). Apesar de não ter sido mencionado o programa, é de supor que a orquestra tivesse tocado os géneros musicais típicos destas ocasiões, nomeadamente polkas, mazurkas e valsas, assim com o hino nacional, que era muito aplaudido nestes eventos. Relativamente ao espectáculo programado para o Teatro Faialense em homenagem ao ilustre visitante, não foram dadas mais notícias na imprensa sobre o mesmo. A ausência de

informação, sugere que o espectáculo referido terá sido o baile da Sociedade Amor da Pátria, erradamente noticiado no jornal, que o anunciava para o Teatro. O prestígio de Augusto de Castilho enquanto militar, político, e ex-Governador de Moçambique certamente terá criado um grande impacto na cidade, assim como a restante oficialidade da corveta Duque da Terceira.

Em suma, a sucessão de ocorrências no respeitante à passagem de navios de guerra pela baía da Horta reveste-se de maior importância sociocultural pelas relações musicais estabelecidas com a cidade. Os repertórios trazidos pelas bandas de música destes navios para o Jardim Público da cidade, que certamente seriam ouvidas pelos músicos locais e restante população que acorria aos concertos, traria novas sonoridades aos agrupamentos locais, que embora não apareçam referidas, ficariam certamente na memória dos ouvintes. Por outro lado, também um público estrangeiro – as tripulações dos navios – poderiam ouvir agrupamentos locais, como é o caso da orquestra João de Deus, muito requisitada para as inúmeras soirées oferecidas aos oficiais estrangeiros, que poderiam experienciar o repertório musical em uso e do gosto dos faialenses. Estas interacções musicais de mútuo efeito geravam uma dinâmica muito interessante quanto à adopção e adaptação de repertórios por parte dos envolvidos, como poderá ter sido o caso da abertura *Le Pré aux clerics*, e a sua adopção no circuito musical da Horta a partir da passagem do cruzador francês Duquesne. Estes são os casos documentados na imprensa local e, por isso, a base do presente estudo que está longe de poder envolver com uma maior abrangência este tipo de relações entre o porto e a cidade, que seriam imensas, mas que não ficaram documentadas para a posteridade.

BIBLIOGRAFIA

Periódicos

O Açoriano

O Atlântico

O Faialense

O Telégrafo

Revista da Armada

Dias, Fátima Sequeira. “A visão oficial da Horta no século XIX” in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XX*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 1998.

269-304.

Henriques, Luís. “Cosmopolitismo Musical na Cidade da Horta no Final do Século XIX”. *Glosas*, 4, Novembro 2011. 81-83.

Lima, Marcelino. *Anais do Município da Horta, Ilha do Faial*. Horta: Oficinas Gráficas “Minerva”, 1940.

Lobão, Carlos. “Uma cidade portuária – A Horta entre 1880-1926: Sociedade e cultura com a política em fundo”. tese de doutoramento Universidade dos Açores, 2013.

Macedo, António da S. *História das Quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta*. 3 vols. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura/Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1981.